Introdução: o futuro será fantástico!

Pedro Bandeira

Coordenação de (E)vidência Futura

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.186.3>

A Universidade do Minho não é uma instituição de “excelência”. Braga ou Guimarães não são cidades de “excelência”, Portugal não é um país de “excelência”, o Mundo não é um lugar de “excelência”. Ainda assim esta palavra banalizou-se sendo recorrente nos discursos políticos e académicos, no título de prémios, em atribuição de bolsas, avaliações de carreira ou centros de investigação. A consulta de um qualquer dicionário esclarece o sentido da palavra, mas não ajuda no que refere à sua aplicação desenfreada: “grau elevado de perfeição”; de “superioridade”, de “primazia sobre todos”. Viver na ilusão da excelência comporta variados riscos sendo talvez o pior o da arrogância, quando espelha a desprezo ou desconhecimento sobre outros ou a inconsciência do privilégio que ainda vamos tendo neste “jardim da Europa à beira-mar plantado”. A “excelência” pode ser algo que se persegue, mas dificilmente alcançado quando pensamos a universalidade ou a universidade inclusiva. O privilégio, só deverá acarretar responsabilidade perante outros, não superioridade nem primazia. Quanto à perfeição é, quase sempre, um aborrecimento.

O Mundo só é perfeito visto do espaço – uma exceção na vastidão de um universo ainda desconhecido. Como afirmava Stewart Brand¹ “lá em cima não há guerras”. Os mais privilegiados deste Mundo fazem turismo de 11 minutos ao espaço, ao mesmo tempo que sonham com a colonização de Marte. O filósofo francês Bruno Latour não tem ilusões: “Chegámos a um ponto de rutura tal que muitos, em particular os mais poderosos e privilegiados, desistiram de pensar o planeta a partir de um «horizonte comum» assente numa prosperidade global: «não há espaço na Terra para todos» (...) Há uma nova ordem

¹ Autor da campanha *Why haven't we seen a photograph of the whole Earth yet?* (1966) e editor do *The Whole Earth Catalog* (1968).

climática caracterizada por uma aceitação gradual das iniquidades sociais: os mais vulneráveis são privados do solo e de recursos levando a convulsões sociais e migrações em massa”². Considerando o estado atual do Mundo, parece termos regredido 50 anos, para o tempo da guerra fria, sob a ameaça nuclear³. 50 anos que, olhando para o que se está a passar, parecem perdidos no que refere aos direitos humanos, à equidade social, à segurança ambiental. E se a guerra na Síria, Ucrânia ou, mais recentemente, na Palestina representam o lado mais mediático desse retrocesso civilizacional, não deixa de ser algo paradoxal pensar que este retrocesso (causa de interesses sem escrúpulos) é, em grande parte, sustentado pelos avanços tecnológicos na área da comunicação – informação e desinformação – que estão a pôr em causa as próprias democracias liberais ou constitucionais.

Quando, em 2015, as Nações Unidas estabeleceram os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na sequência dos Oito Objetivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM)⁴, 193 nações do mundo assumiram o compromisso de uma “visão comum para o bem dos Povos e do Planeta”. Este compromisso dificilmente poderá ser alcançado no âmbito da Agenda 2030 – um ano demasiado próximo – o que nos leva a questionar o sentido de *ter futuro*. Mas esta inquietação, estava já presente na voz estridente de uma geração punk que gritava até à exaustão “No future for you and me”⁵. Tudo e nada parece ter mudado deste então, talvez desde sempre. A consciência generalizada, nos anos 70, dos “limites do crescimento”⁶ na relação entre demografia e os recursos naturais não travou nem a sociedade do consumo nem o capitalismo selvagem. Hoje morreram de fome 15.358 pessoas no mundo, existem 873.575.273 pessoas desnutridas e, ironicamente, mais do dobro de pessoas com sobrepeso⁷.

2 Bruno Latour. *Où Atterrir? Comment s'orienter en politique* (Éditions La Découvert, 2017)

3 Em outubro de 2013 a Rússia avançou com a revogação do tratado internacional que proibia os ensaios nucleares.

4 Agenda 2000-2015: Erradicar a pobreza extrema e a fome; alcançar o ensino primário universal; promover a igualdade de género e empoderar as mulheres; reduzir a mortalidade infantil; melhorar a saúde materna; combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças; garantir a sustentabilidade ambiental; desenvolver uma parceria global para o desenvolvimento.

5 Sex Pistols, “No future (God Save the Queen)”, 1977.

6 D.H. Meadows, D. L. Meadows, J. Randers, e W. Behrens III. *Os Limites do Crescimento* (Clube de Roma, 1972).

7 www.worldometers.info

O mundo é um lugar desregulado, com 7.673.170.722 cigarros fumados por dia e 319.415.621.900 dólares gastos por ano em drogas ilegais, e ainda temos 1.388.726.699.364 barris de petróleo para gastar nos próximos 40 anos. Para lá de tudo o que está mal, continuam a nascer todos os dias o dobro das pessoas que morrem, talvez um gesto irrefletido, mas natural (talvez do pouco que nos resta de inato). Objetivamente o mundo é melhor hoje do que foi ontem e, apesar de toda a produção de dióxido de carbono decorrente da atividade humana que nos trouxe até ao Antropoceno, o ser humano consome hoje, per capita, menos recursos naturais do que no passado⁸. Haja esperança.

O desafio deste projeto editorial⁹ lançado às unidades orgânicas da Universidade do Minho foi de pensar futuro na mesma medida e proporção da sua existência – 50 anos. E de pensar esse futuro assumindo um compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, porque a nossa missão enquanto instituição académica, é de contribuir para um modelo de sociedade “baseado em princípios humanistas, que tenha o saber, a criatividade e a inovação como fatores de crescimento, desenvolvimento sustentável, bem-estar e solidariedade”¹⁰. Chamámos a este projeto (*E*)*vidência Futura* conscientes da vulnerabilidade inerente ao pensar do futuro num espaço de tempo alargado, o que nos permite oscilar entre a *certeza* e a *incerteza*, uma distinção que o arquiteto e urbanista Nuno Portas associava à ideia de *projeto* e de *plano*. Se a *evidência* é o saber e conhecimento específico que temos obrigação de dominar nas respetivas áreas científicas, já a *vidência* é esse lugar incerto da visão ou plano que temos para o Mundo construído com outros. O conjunto de textos que se seguem, permite ler, na sua globalidade, o desejo da Universidade do Minho em mudar o Mundo para melhor – na procura de um caminho possível, pragmático e distante de uma ideia de utopia – o mundo perfeito, excelente.

O contributo de cada Unidade Orgânica permite aferir esse compromisso a partir de áreas de conhecimento específico, mas necessariamente interligadas. A complexidade do Mundo que vivemos não se resolve com respostas simplistas, implica um olhar sistémico.

8 Ver Manifesto Ecomodernista (2015)

9 Proposta apresentada à Comissão do 50 da Universidade do Minho por Pedro Bandeira e inicialmente por Inês Moreira a convite de Paulo Cruz, presidente da EAAD.

10 Extrato do texto A Missão da Universidade do Minho

Nesta sentido em *(E)vidência Futura* propõe-se articular, por exemplo, conceitos como sustentabilidade, consumo e felicidade para discutir dois recursos psicológicos: a esperança e o sentido crítico (*Corruptio Optimi Pessima*); propõe-se pensar o papel das Relações Internacionais, da Economia e da Gestão, face às alterações climáticas (*Resposta Comum à tragédia*); propõe-se pensar como os recursos naturais marinhos, como algas, podem contribuir para o tratamento da diabetes (*Biomateriais e Medicina Regenerativa*); propõe-se pensar como as Humanidades Digitais podem promover uma educação inclusiva, ou como a Música responde aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável promovendo capacidades comunicativas, cooperação e empatia dentro de vários grupos sociais (*Humanidades na Agenda 2030*); propõe-se pensar como a Quarta Revolução Industrial, da internet das coisas, da inteligência artificial, ou da robótica, podem contribuir para uma redução do consumo dos recursos naturais. (*Engenharia do Futuro: inovação e sustentabilidade*); propõe-se pensar o desenvolvimento do território a uma escala local, numa estratégia *bottom-up*, participada dando prioridade aos problemas do quotidiano (*O Papel das Ciências Sociais na promoção de uma sociedade mais inclusiva*); propõe-se pensar, como resultados epidemiológicos e identificação de fatores de risco permitirão desenvolver estratégias de prevenção de doenças e como o ensino da enfermagem, no contexto de uma população envelhecida e plena de assimetrias sociais, procura que “ninguém fique para trás” (*Enfermagem para as Gerações futuras*); propõe-se pensar o papel da educação como fator determinante para uma igualdade de género, ou redução de desigualdades usando pedagogias inovadoras em áreas como a gamificação (*Transformando a Educação para o Futuro*); propõe-se pensar como a mais recente crise energética (resultado da dependência europeia do gás russo) precipitou os conceitos de Segurança Ambiental e Climática no âmbito da geopolítica (*O Conceito de Segurança Climática na Lei de Bases do Clima*); propõe-se ainda pensar como a reivindicação do tempo, tornado cada vez mais escasso, em prol da discussão livre e da consciência do não-saber, é indispensável para se começar a pensar (*Por uma ética do Compromisso*).

Muitas outras leituras serão possíveis a partir dos conteúdos de *(E)vidência Futura*. De um modo transversal percebemos como a tecnologia e o digital estão presentes em quase todos os campos de modo acrítico (a exceção está no conceito de “desemprego tecnológico” e a defesa de um “rendimento básico incondicional” – *As Humanidades na Agenda 2030*), sem nunca se chegar a abordar as consequências que a tecnologia em si tem para o ambiente (veja-se, por

exemplo, o lixo eletrônico depositado no Gana ¹¹ ou o consumo energético dos países mais desenvolvidos tecnologicamente).

A expectativa de que a sustentabilidade ambiental ou a equidade social só serão alcançadas com a ajuda da futura inteligência artificial espelha a condição privilegiada da instituição que acolhe o supercomputador Deucalion ¹². Ironicamente, na mitologia grega, Deucalião é aquele que constrói a arca para sobreviver ao dilúvio criado por Zeus devido ao ódio instaurado na humanidade. Tudo isto leva-nos a pensar num outro supercomputador, o HAL 9000 (Heuristically programmed ALgorithmic computer) do filme *2001 Odisseia no Espaço* (1968): “Sinto muito, Dave, mas de acordo com a sub-rotina C1 532/4, «Quando a tripulação está morta ou incapacitada, o computador deve assumir o controlo». Devo, portanto, anular a tua autoridade agora, já que não estás em condições de exercê-la de forma inteligente”.

Arthur C. Clarke, coautor com Stanley Kubrick do guião do filme afirmava, em 1964, na *World's Fair* de Nova Iorque ¹³, que o futuro longínquo será sempre algo inimaginável, e que, se tivermos a sorte, hoje, de o antever com rigor, muito provavelmente soar-nos-á ridículo ou um puro disparate. Clarke previu o fim das cidades para o ano 2000, enquanto lugares de encontro, porque acreditava que o ser humano, abdicaria da mobilidade física em favor da comunicação virtual (num jogo de palavras entre “commute” e “communica-te”). E se isto não deixou de ser em parte verdade, também não poderemos ignorar que foi precisamente neste início de século que mais de metade da população mundial passou a habitar em centros urbanos. Ainda em 1964, Clarke afirmava com otimismo, que “o futuro será absolutamente fantástico!”. Restará saber para quem ou para o quê na era da “pós-humanidade”. É muito provável que o Mundo nunca venha a ser um lugar de “excelência”. Mas também é verdade que se não o for a responsabilidade será, em grande parte, nossa e não da natureza, dos deuses ou dos computadores.

11 SANTOS, K. L. “Ouro para fora, lixo para dentro: as inserções de Gana na divisão internacional do trabalho contemporânea e a recomodização da economia”. *Geosp – Espaço e Tempo*, v. 22, n. 3, p. 607-622, dez. 2018.

12 O supercomputador Deucalion custou perto de 20 milhões e terá custos operacionais durante os próximos 5 anos de 13 a 15 milhões de euros segundo João Nuno Ferreira (FCT) entrevistado pela TSF a 6 de setembro de 2023.

13 “Arthur C. Clarke predicts the future” programa de televisão (BBC Archive) acessível em: www.youtube.com/watch?v=YwELr8ir9qM